

Sara Marques Barbosa dos Santos

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Toscano

Coimbra, abril de 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar à minha orientadora Doutora M^a. De Fátima Toscano, pela sua disponibilidade enquanto profissional. Por me incentivar a fazer melhor e acreditar no meu trabalho. Pela paciência com que leu e releu todo o trabalho que realizei e por toda a aprendizagem que me permitiu concretizar ao longo deste percurso. Grata por tudo!

Agradeço aos meus pais, pelo apoio e compreensão a todos os níveis, principalmente nos momentos menos bons. Obrigado por sempre me incentivarem a ser melhor, pelas palavras e momentos de escuta. Obrigado principalmente por sempre acreditarem em mim. Foram sem dúvida fundamentais ao longo desta caminhada.

Ao meu irmão pela preocupação que sempre demonstrou e pelos conselhos. Obrigado pelo exemplo de força e determinação que sempre foi, por estar presente nestes momentos e pela capacidade que tem de me fazer sonhar e acreditar. A ele o meu sincero agradecimento.

Aos meus tios, prima e avó por estarem sempre presentes.

À Diana pela ajuda ao longo da realização deste trabalho, pelo carinho e por todo o apoio.

Às 4 mulheres que generosamente contribuíram como autoras dos relatos biográficos e que me ensinaram a ver certos aspetos da vida com “outros olhos”, o meu muito obrigado.

Aos meus amigos/as, pelo apoio, pela paciência, e pelas palavras de incentivo ao longo deste caminho, obrigado.

À Sara Rolo por todo o carinho e amizade que me manifestou. Agradeço a ajuda, a preocupação e os conselhos nos momentos de desânimo.

À Raquel, por ser a melhor companhia, pela ajuda, pelos desabafos, pela preocupação, por todas as risadas e choros, e principalmente por estar sempre lá. Obrigado!

Resumo

Para compreender como é que os Portadores de Paralisia Cerebral (PC) avaliam a qualidade de prestação de serviços pelos técnicos e as relações de proximidade que os mesmos desenvolvem com eles, partiu-se da análise e interpretação de 4 *Casos*: 2 casos de indivíduos com PC e 2 *Casos* que constituem as respetivas relações de proximidade.

Assim sendo temos como questão de partida “Como é que os portadores de PC, avaliam a relação entre, por um lado, a qualidade de prestação de serviços pelos técnicos e por outro, as relações de proximidade que os mesmos técnicos desenvolvem com eles (co-produção)?”. Para cumprir este objetivo, a pesquisa elaborou uma problemática teórica em torno de conceitos como a Paralisia Cerebral, Co-produção e Qualidade para o que contou com abordagens de autores como Foucault e Canguilhem, Diane Bone, Salm, Menegasso e Ribeiro, Toscano, Boaventura de Sousa de Santos, Fontes, entre outros.

As 4 narrativas foram realizadas tendo como base o modelo analítico dos processos de requalificação sócio-identitária (prsi) (Toscano 2008), uma metodologia qualitativa e abordagem compreensiva privilegiando uma profunda análise dos relatos construídos. Assim, foi através desse mesmo modelo analítico que foi possível identificar Lógicas de Ação, Territórios Socio-identitários e, entre outros componentes dos prsi, as reações sentidas e as estratégias adotadas pelas 4 narradoras, nas suas trajetórias.

Para concluir, depreende-se que ao longo da trajetória existe uma alteração dos territórios Socio-identitários, Laboral, Escolar e Familiar; e que os mesmos atores têm a clara consciência da predominância de estereótipos e falsos atributos que existem na sociedade e que os rotula como seres incapazes e inferiores. Neste sentido, é clara a sua vontade de integração e aceitação, bem como, das suas relações de proximidade, tendo em vista a exaltação das suas capacidades e autonomia.

Palavras-chave: Paralisia Cerebral, Relações de Proximidade, Trajetórias Identitárias, Co-produção, PRSI – Processos de Requalificação Socio-identitária

Abstract

In order to understand how people with cerebral palsy (CP) individuals evaluate the quality of the caretaking by the technician and the relationships that they develop with them, we have analyzed 4 cases: 2 subjects with CP and their proximity relationships.

Thus, we have as a starting point, "How do PC users evaluate the relationship between, on the one hand, the quality of services provided by technicians and, on the other hand, the proximity relationships that the same technicians develop with them -production)?" To fulfill this goal, researchers elaborated a theoretical problematic around concepts such as Cerebral Palsy, Co-production and Quality for which it counted on authors like Foucault, Canguilhem, Salm, Menegasso e Ribeiro, Toscano, Boaventura de Sousa Santos, Fontes, among others.

The 4 narratives were elaborated having in mind the analytical model of the social-identity requalification processes (PRSI) (Toscano, 2008), a qualitative methodology and a comprehensive approach, for a profound analysis of the research material. Through this analysis it was possible to identify Action Logics, Social-Identity Territories and, among other components of PRSI, the reactions felt and the strategies adopted by the 4 narrators, in their own trajectories.

To conclude, there is an alteration of the working, scholar, familiar, social-identity territories through the trajectory, and the subjects have conscience of the stereotypes that society have and that give them the label of unable or inferior. This way, it is clear their will of acceptance and integration, as well as their proximity-relationships, having in mind the development of their own abilities and autonomy.

Key words: Cerebral Palsy, Proximity Relationships, Identity Trajectories, Co-production, PRSI - Socio-identity requalification processes

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CONSTRUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	2
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: Interpretação Teorizante dos 4 casos - Indivíduos Portadores de Paralisia Cerebral e suas Relações de Proximidade.....	6
3.1 Interpretação Teorizante do Relato do Caso de S.....	6
3.2 Interpretação Teorizante do caso de Z	11
3.3 Interpretação Teorizante do Caso de F	16
3.4 Interpretação Teorizante do Caso de P	20
4. CONCLUSÕES.....	22
Referências Bibliográficas	26

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação realiza-se no âmbito da obtenção do Grau de Mestre em Serviço Social, do XII curso de 2º Ciclo em Serviço Social, desenvolvido no Instituto Superior Miguel Torga – Escola Superior de Altos Estudos, sob a orientação da Prof.^a Doutora Maria de Fátima Toscano. Este trabalho de investigação centra-se na Paralisia Cerebral (futuramente abreviado por PC) e na avaliação que os portadores da mesma fazem das relações de proximidade que têm com os técnicos (co-produção). Para uma melhor abordagem do tema, investigaram-se conceitos como paralisia cerebral, qualidade, co-produção, normalidade, corpo e mente, bem como identidade social. Os mesmos conceitos quando confrontados e aplicados à realidade da deficiência, levam-nos a concluir que a sociedade os marginaliza, privando-os assim, da sua liberdade. Estes indivíduos desprovidos, por vezes, de respeito, auxílio e direitos tornam-se alvo de atitudes preconceituosas e pensamentos discriminatórios. Para evitar a criação destas barreiras, fez-se igualmente uma análise dos quatro postulados de Boaventura de Sousa Santos para que a abordagem em torno da PC fosse mais aprofundada. Esta mesma análise tem como objetivo a não criação de entraves para a construção do conhecimento científico, o que permite às pessoas alcançar um patamar de objetividade, dando-lhes uma noção da PC correta.

Esta dissertação pretende, assim, investigar como são avaliadas subjetivamente e pensadas pelos indivíduos com PC novas estratégias ou alternativas para que o serviço fornecido por parte dos profissionais e instituição venha a dar respostas às necessidades de uma forma mais eficaz. Deste modo a investigação recorre à construção de relatos biográficos de indivíduos portadores de PC e suas relações de proximidade que mostram como a integração, compreensão e partilha de emoções, aproxima as pessoas, fortifica relações em busca de melhor, isto é, de serviços com uma resposta mais eficaz e apropriada às características de cada um. Tendo em conta o conteúdo destas relações analisamos ainda de que forma - positiva ou negativa - o mesmo altera os Territórios Socio Identitários (futuramente abreviado por TSI), de cada narradora.

2. CONSTRUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A presente pesquisa emergiu da ideia de que os serviços sociais na atualidade podem ganhar qualidade, sendo que esta segundo Diane Bone (2000) é um modo de gestão das organizações em que as pessoas devem funções, no momento certo e com os menores custos, onde necessariamente precisam dominar e usar conhecimentos para alcançar os seus objetivos.¹ Neste caso, se o produto a que me pretendo referir são os serviços prestados ao indivíduo com PC, os mesmos só se tornam eficazes se tiverem em conta o ponto de vista de pessoas com PC, e não apenas a especialização e conhecimento dos profissionais. Esta realidade (serviços sociais eficazes tendo em conta o ponto de vista de indivíduos) pode não só ser estudada, tendo em conta indivíduos com PC, mas tendo igualmente em conta indivíduos com qualquer outro tipo ou nenhum outro tipo de deficiência. A qualidade nos serviços tem relevância uma vez que atualmente há necessidade de haver um melhor acompanhamento e soluções mais abrangentes para os que estão neles implicados, quer para quem os fornece, quer para quem beneficia dos mesmos.

Tal como as pessoas ditas normais carecem de uma voz e de exprimir as suas opiniões, também, e neste caso específico, os indivíduos com PC devem ter a possibilidade de exprimir o seu ponto de vista, o qual pode ser fulcral para o melhoramento dos serviços prestados, pois são estes os seus utilizadores. Para tal a relação com os técnicos deve ser de partilha e confiança levando a respostas mais eficazes e direcionadas às suas contrariedades, conduzindo ao esclarecimento do conceito de co-produção², o qual, segundo Salm, Menegasso e Ribeiro “*está baseado em valores como confiança mútua, cooperação e responsabilidade compartilhada.*” (2007, p. 234).

Segundo Fontes (2009) qualquer pessoa tem o direito de ser denominada como quiser e confirma que o aumento da esperança média de vida transformou cada ser humano numa potencial pessoa com deficiência, pelo que, todos os corpos são temporariamente “capazes”. Esta compreensão exige que se escute e observe os indivíduos, a fim de compreender os seus contextos de vida. Há que evitar segundo Foucault (1979) que a PC seja vista como a condição de uma anormalidade que não possui cura nem educabilidade.

¹ Confrontar com Apêndice A (p.7), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura.

² Confrontar com Apêndice A (p. 5 e 6), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura

E é tanto mais importante esta valorização dos próprios indivíduos considerando que segundo Dubar (2006), vivemos num contexto onde a identidade pessoal³ já não é concebida como sendo transmitida pelas instituições, nem herdada dos contextos sociocomunitários, mas, sim, em grande parte, uma identidade co-construída pelos próprios indivíduos no decurso das suas trajetórias de vida com a contribuição das instituições e do social-comunitário, e, portanto, das interações. Cultura, valores, grupos de pertença facilitam a integração do indivíduo contudo, é importante salientar os estereótipos nas interações sociais. Neste caso em análise, a identidade é marcada pela construção deformada da diferença física. Concluiu-se assim, que o corpo é socialmente entendido como tendo um padrão normal que é base de todas as nossas representações sociais.

Num indivíduo com PC, as deformações no corpo são visíveis e percebeu-se que o mesmo só é aceitável quando as suas formas, segundo Canguilhem são retas, feitas com esquadro, o que pela sua patologia não acontece. Outro aspeto importante é o da mente e, as alucinações e confusões mentais que estão atribuídas a estes indivíduos fazem com que os mesmos não se insiram no padrão normal exigido pela sociedade, remetendo-nos ao conceito de normalidade.⁴ Chegou-se à conclusão que quando nos remetemos para o normal e, o que a sociedade pensa, é na máxima capacidade psíquica de um ser. Canguilhem (2009) concluiu que não há um limite superior da normalidade, apenas temos que substituir psíquica por física para obter uma definição mais correta. Num indivíduo com PC a sua normalidade não coincide ao que é socialmente aceitável e, assim, qualquer patologia que o mesmo possua torna-o não admissível aos olhos dos outros.

Isto, por vezes leva à necessária mudança gradual das mentalidades na sociedade envolvente, para que haja consciência de que para além das competências que os profissionais possuem para identificar o que é melhor para os utentes dos serviços, também os indivíduos com PC possam ser parceiros ouvidos.

Tivemos assim que desconstruir o conceito de paralisia cerebral e, para tal, recorreu-se à abordagem dos quatro postulados feita por Boaventura de Sousa Santos.⁵ Na abordagem destes quatro postulados: I. “toda a ciência natural é ciência social”; II. “todo o conhecimento é local e total”; III. “todo o conhecimento é autoconhecimento”; e IV. “todo o conhecimento científico visa constituir-se em sendo comum.”, concluiu-se que são vários os obstáculos

³ Confrontar com Apêndice A (p.3), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura.

⁴ Confrontar com Apêndice A (p.10 e 11), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura.

⁵ Confrontar com Apêndice A (p.8 e 9), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura.

epistemológicos. Temos que ter em conta que indivíduos com PC possuem determinadas limitações e impedimentos e a sociedade atribui-lhes “rótulos” e falsos atributos, e com o auxílio do primeiro postulado percebeu-se que, por vezes, tende a “explicar-se” os fatores sociais com base em características genéticas e naturais.

No seu segundo postulado, Boaventura de Sousa Santos (1987) defendeu que todo o conhecimento deve ser temático existindo, assim, um maior entendimento e percepção da área de estudo e, neste caso específico, quanto maior for o entendimento acerca da PC, melhor serão entendidos indivíduos com PC evitando assim os obstáculos acima referidos. Para que este último ponto seja conseguido da melhor forma, há que, ter em conta que o objeto é continuação do sujeito e, portanto, trajetórias de vida, valores e crenças são de extrema importância. É assim essencial que a sociedade conheça o outro (indivíduo com PC), sobretudo do ponto de vista do mesmo.

Por fim, quando conseguimos alcançar este patamar de objetividade, Boaventura (1987) concluiu que não existindo uma neutralidade absoluta (postulado IV) e, aquilo que cada um de nós pensa passa a ser relevante para o modo como se elabora o conhecimento científico.

Esta abordagem da PC é igualmente pertinente para as organizações, uma vez que pode solucionar muitos dos problemas internos e melhorar a sua qualidade. Procura-se, igualmente, perceber quais as falhas, ausências e lacunas de que os serviços mais sofrem, segundo os mesmos indivíduos com PC, de modo a perceber as sugestões e soluções que os mesmos apresentam.

Neste sentido, toma-se como questão de partida: “Como é que os portadores de PC, avaliam a relação entre, por um lado, a qualidade de prestação de serviços pelos técnicos e por outro, as relações de proximidade que os mesmos técnicos desenvolvem com eles (co-produção)?”. Tudo isto possibilitou a nossa problematização teórica, obrigando-nos a aprofundar a noção de Paralisia Cerebral.⁶

A PC é normalmente entendida como uma lesão cerebral que atinge a parte motora ou cognitiva, e em casos mais graves os dois lados e dependendo da área afetada as manifestações são diferentes. Acontece, por vezes, que estas manifestações sejam associadas segundo descreve Foucault, à “*a demência, a imbecilidade e a idiotia (...)*” pelo que “*as pessoas portadoras de deficiência foram, desta forma, comparadas com animais, seres irracionais, movidos por instintos.*” (Foucault, 1995, citado em Murillio, 2010, p. 162). Por

⁶ Confrontar Apêndice A (p. 3), de modo a ler de forma mais detalhada a Revisão da Literatura

isto foi importante perceber como é que indivíduos com PC se percebem, se foram ou não alvo destes preconceitos e como isso influenciou as suas trajetórias de vida.

Nesta sequência, o método de pesquisa adotado para concretizar esta pesquisa, foi o método qualitativo por permitir ao investigador analisar, explorar e compreender as trajetória de vida de indivíduos portadores de PC bem como as das suas relações de proximidade. Deste modo foi possível reduzir ideias pré concebidas e erradas acerca de indivíduos com deficiência, através do modelo analítico-prsi (Gameiro 2015. Teixeira 2015. Toscano 2008, 2015a, 2015b, 2012a, 2012b, 2017).

Sendo o objetivo principal da pesquisa construir os testemunhos de indivíduos com PC e suas relações de proximidade, a seleção de *Casos* obedeceu a alguns critérios. As dificuldades e limites que alguns indivíduos portadores de PC sentem para se expressarem, uma vez que a paralisia lhes afeta a coordenação dos músculos da fala, torna-se um dos principais condicionalismos para a condução das entrevistas levando a que haja um número restrito de *Casos*. Isto por sua vez, fez com que com que existisse uma relação de escuta ativa e um esforço do investigador para compreender e captar o que o entrevistado/a possa querer expressar, havendo um contrato comunicacional mais denso e mais tenso. É de salientar que estes critérios foram postos em prática somente na escolha dos indivíduos com PC, não se aplicando aquando da entrevista com os atores que constituem as suas relações de proximidade. Estes por sua vez são indivíduos sem qualquer tipo de deficiência, tendo sido escolhidos apenas por serem pessoas que pela sua posição e responsabilidade têm um bom conhecimento do tema. Definidos estes critérios, o instrumento de investigação adotado foi a entrevista exploratória.

Esta técnica consiste em “ (...) *abrir pistas de reflexão, alargar e precisar horizontes de leitura, tomar consciência das dimensões e dos aspectos de um dado problema, nos quais o investigador não teria decerto pensado espontaneamente.*” (Quivy e Campenhoudt, 2008, p.79). Conseguiu-se, através dos relatos das entrevistadas, conhecer as suas visões acerca da Paralisia Cerebral, como é que elas enfrentam os diversos obstáculos que os falsos atributos lhes conferem e de como isso influencia alguns aspetos do seu quotidiano.

No que diz respeito às sessões das entrevistas realizadas entre Dezembro de 2015 e Março de 2016, foi realizada apenas uma sessão por entrevistada, com duração variável. Quanto à orientação das sessões da entrevista, foi elaborado um guião⁷, onde estão presentes os grandes níveis de análise, o que permitiu à investigadora orientar as mesmas: a entrevistadora

⁷ Confrontar esta componente metodológica no Apêndice B (p. 12)

preparava cada sessão previamente, de modo a conseguir esquematizar os grandes níveis de análise, para que fossem clarificados durante a sessão facilitando, assim, a condução da entrevista.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: Interpretação Teorizante dos 4 casos - Indivíduos Portadores de Paralisia Cerebral e suas Relações de Proximidade

A análise descritiva destes 4 casos realizou-se como foi acima referido com o objetivo de alargar, refletir, precisar horizontes e tomar consciência das dimensões e aspetos deste problema. Sendo este considerado um problema social, há que ter em conta que são várias as componentes afetadas. Desde as noções que se têm sobre a PC até à componente vivencial, onde estão inseridos os contextos de proximidade relacional, todos são afetados dependendo da abordagem que a sociedade faz em relação a indivíduos com deficiência.

Deste modo, a análise de cada *Caso* foi desenvolvida tendo em conta o relato de cada narradora. Procedeu-se, então, à constituição do *Corpus* que vai de encontro a vários critérios metodológicos, sendo o primeiro um critério formal - o da análise vertical, para o que considerámos a exaustividade e saturação das informações relatadas; e um critério de conteúdo mediante a análise cruzada dos relatos onde considerámos a reflexividade e criatividade das Estratégias e Lógicas de Ação expressas nos discursos. (Toscano, 2008, p.136). Tendo especial atenção à cronologia dos acontecimentos vividos-relatados foram-se identificando os Momentos Marcantes da trajetória identitária de cada uma das entrevistadas, bem como outros componentes dos prsi, como se passa a apresentar na interpretação dos 4 *Casos*.

3.1 Interpretação Teorizante do Relato do Caso de S

Análise Descritiva do Relato do Caso de S - Apresentação de S.

Nascida em 1986 na cidade de Coimbra, S. é uma jovem portadora de Deficiência-Paralisia Cerebral e mãe de um menino. Vive em Soure, numa pequena localidade perto de Coimbra, com os seus pais, irmãos e com o seu filho. É uma jovem lutadora e que apesar da sua deficiência tenta sempre ultrapassar todos os obstáculos.

A partir do relato biográfico de S. a sua trajetória pode ser analisada em 4 Momentos Marcantes (abreviado futuramente, por MM): **MM I. Adaptação e Aceitação** Momento marcado pelas complicações aquando do seu nascimento e que levam à sua deficiência

incluindo o relato do seu crescimento e das vivências em contexto escolar. **MM II. Resistência** Momento assinalado pelas várias tentativas de ingressar no mercado de trabalho. **MM III. Mulher** – de menina e filha a mãe, Momento assinalado pela sua gravidez, por todo auxílio prestado pelos técnicos de diversas áreas e pela desconstrução da ideia de que indivíduos com PC não podem ter filhos. **MM IV. Contexto Laboral** participação ativa e direta de indivíduos com PC. Momento que marca a sua entrada para o mercado de trabalho, e a sua participação ativa e direta em projetos.

Trajetória Identitária com 4 Momentos Marcantes

MM I (1986- 2011): Adaptação e Aceitação- Indivíduo torna-se um ser social

Estamos perante um relato de uma jovem que descreve como as complicações durante o parto levaram à deficiência que tem hoje. Relata também a sua passagem por vários jardins-de-infância, escolas, e instituição onde cresceu e foi acompanhada. Teve um percurso escolar com algumas dificuldades em instituições escolares ditas normais; contudo, sempre com acesso aos apoios existentes.

Etapa 1 do MM I (1986-1996): Nascimento, Infância

Esta etapa começa no ano de 1986, com o nascimento da jovem na cidade de Coimbra. Relata momentos de sofrimento por parte da mãe, o elevado tempo de espera até que fosse atendida e a adoção de medidas específicas para acelerar o nascimento e, que provocaram a deficiência de que hoje é portadora. Da sua infância lembra-se da entrada para a instituição que sempre a apoiou nas diversas áreas, assim como, dos primeiros anos de aprendizagem uma vez que o jardim-de-infância e os primeiros anos relativos à escola primária foram lá realizados. Com efeito, em 1990, com 4 anos de idade, dá entrada na Associação Paralisia Cerebral Coimbra, onde foi acompanhada a vários níveis (Psicologia, Terapia da fala, Terapia ocupacional, Fisioterapia).

Uma vez que a jovem possuía muitas capacidades, a equipa técnica aconselhou a continuação do seu percurso escolar no ensino normal. Numa estratégia de afirmação das suas capacidades e de adaptação de S nesse mesmo ensino, a equipa técnica foi decisiva na decisão que teve como finalidade a integração de S num modelo de ensino que se apresentava novo para a mesma, com se observa na etapa seguinte.

Etapa 2 do MM 1: (1996-2001): Sucesso Escolar - 1ª vivência de Exclusão, Rejeição e Revolta

Esta etapa 2 do MM I tem início no ano de 1996 quando S sai da instituição, para regressar, apenas pontualmente, para alguns tratamentos, remetendo-nos, assim, para o início

do referido percurso escolar, em contexto normal. O 5º ao 9º ano foram realizados num colégio em Condeixa com os respetivos apoios e adaptações e, desta vivência relata apenas algumas demonstrações de preconceito. Deste modo, ingressa no sistema normal de ensino.

Com efeito a jovem relata que tinha todos os apoios necessários: *“Tinha testes adaptados, escrevia com a máquina de escrever...naquele tempo ainda não tinha computadores.”* (p.13)

Ao longo deste percurso escolar são notórias as primeiras demonstrações de preconceito por parte dos colegas e o primeiro sentimento de revolta. Segundo a jovem os colegas gozavam-na e faziam julgamentos errados acerca da sua pessoa e da sua deficiência. De acordo com a entrevistada, esta *“Ficava revoltada porque sou humana como todos”* (p.14).

Refere também que ao longo deste percurso escolar todos eles eram corretos com ela. Lembra contudo a relação atribulada que teve com uma professora no 6º ano por revelar falta de compreensão para não fazendo qualquer esforço para a entender S: *“Ela não me percebia a falar.”*; *“ Se as outras nunca me mandaram fazer terapia da fala, porque é que ela me mandou?”* (p.14). É a sua primeira vivência do sentimento de exclusão por parte de um professor. Apesar de S encarar a intervenção da professora de uma forma negativa, podemos interpretar a interferência da professora num sentido mais positivo, uma vez que fazer terapia da fala não se trata de algo negativo. Pelo contrário, a terapia da fala é utilizada para tratamento e valorização da comunicação, sendo que a professora poderia sem qualquer pensamento pejorativo, ou depreciativo estar a sugerir uma solução favorável e que se apresentasse uma mais-valia para o futuro de S.

Embora os primeiros tempos apesar das dificuldades e com a presença de alguns obstáculos tenham sido de adaptação a jovem refere que nunca reprovou até completar o 9º ano de escolaridade. Assim sendo, a equipa técnica juntamente com a mãe decidiram que o melhor percurso para S seria um curso profissional, estando presente uma tática e estratégia de afirmação das capacidades de S, bem como, uma estratégia de resistência da mesma em lutar pela sua autonomia. Assim sendo S concretiza com sucesso e com a finalidade de regressar em 2001, à instituição onde já tinha estado anteriormente o que nos leva à etapa seguinte.

Etapa 3 do MM I: (2001-2011): Contexto escolar - Integração, Compreensão e Partilha de emoções

A etapa 3 respeita à continuação do percurso escolar, contudo com uma maior aceitação por parte dos colegas e dos professores. Esta mesma etapa tem início em 2001 com o regresso da entrevistada à instituição para a realização de um curso profissional de

informática com a duração de 4 anos, porque, após a conclusão do 9º ano em 2011, não ficou colocada no mercado de trabalho.

Decide voltar a estudar e em 2007, dá entrada no ensino secundário, já com 22 anos. Neste período de tempo, de 2007 a 2011, refere uma ótima adaptação com alguns apoios por parte dos professores e salienta ainda o respeito por parte dos colegas: *“Os professores foram impecáveis comigo, até mais do que no outro colégio (...)”* (p.14). Destaca também a mobilização de recursos, o que lhe permitiu usar e dominar os seus conhecimentos a fim de atingir da melhor forma os seus objetivos: *“No colégio eu tinha que levar a minha máquina de escrever, enquanto que ali haviam portáteis para mim e, eu não tinha que levar.”* (p.15)

Na fase final desta etapa S relata a dificuldade que sentiu na realização do exame nacional de Português, bem como, em obter nota positiva no mesmo. Embora se lembre da boa relação de interação e compreensão que tinha com o seu professor de ensino especial que lhe permitiu subir a nota de entrada, contudo, sem êxito uma vez que continuava a ser negativa.

Desta etapa com altos e baixos, o mais importante e, ao contrário da anterior, serão as boas relações, e os apoios dadas às necessidades da entrevistada, o que levou à criação de respostas mais eficazes e, assim, à obtenção de resultados mínimos para a obtenção do 12º ano. Com o fim das aulas e até Fevereiro de 2011, e sem conseguir realizar os exames de acesso ao Ensino Superior com nota positiva, refere o tempo que passou em casa e a sua preocupação no envio dos curricula.

A falta de sucesso no que diz respeito ao ingresso do ensino superior, leva S a adaptar uma estratégia e tática de resistência, com a finalidade de ingressar no mercado de trabalho. Contudo, estas diligências não tiveram resultados positivos e marca a mudança para o Momento 2.

MM II: (2011): Resistência- Luta pela entrada no mercado de trabalho

Foi ao longo do ano de 2011 que sentiu mais dificuldades no que diz respeito a ver reconhecidos os seus direitos de pessoa com deficiência a trabalhar, e sua crescente discriminação pela sua deficiência.

Com o fim dos estudos, o envio de currículos para a obtenção do 1.º emprego tornou-se uma prioridade, todavia, sem qualquer êxito. Segundo a entrevistada a entrega dos currículos, provocava nas pessoas que a atendiam um sentimento de desprezo em relação a ela sem qualquer tipo de compreensão o que levou à sua desilusão e desmotivação. Segundo a mesma *“Em certos sítios eram educados, diziam que iam tentar, em outros diziam “deixe o currículo”.* (p.15). Contudo, o comentário feito pelas pessoas a quem deixava o currículo

talvez fosse feito pela tendência crescente de desemprego que se verifica nos últimos anos. A crise económica tem um grande impacto sobre o trabalho e após a entrada de tantos currículos, leva a com que as pessoas que estão ao atendimento tenham uma intervenção mais rápida. A falta de emprego e de oportunidades apresenta-se como um fator marcante e de impacto na sua trajetória.

Posto isto, em conversação com os pais decide voltar para a instituição para a realização de um novo curso. Tendo S consciência das suas capacidades, o fim deste momento é marcado por a estratégia de afirmação e de resistência aos obstáculos, com a finalidade de ingressar novamente no sistema de ensino.

MM III: (2011-2015): Mulher: De menina e filha a MÃE

Este terceiro Momento Marcante para além d o recomeço dos estudos é marcado pelo início de uma nova etapa na sua vida na medida em que S vai ser mãe e deste modo desconstrói algumas ideias de que indivíduos com Paralisia Cerebral não podem ter filhos, pois apesar da sua deficiência, a gravidez não é impossível.

Sem êxito na obtenção do 1.º emprego a jovem decide voltar à instituição já em 2012, desta vez para a realização de um curso de serviços administrativos. A frequência no curso acaba por sofrer uma pequena interrupção - apenas solicita um ajustamento dos meses de duração do curso - uma vez que nesse mesmo ano descobre que está grávida. Assumida esta criança, e sempre com o apoio dos pais, irmãos e médicos, em Outubro a jovem é mãe pela primeira vez.

Nesta fase marcante da sua vida destaca a partilha de emoções e experiências que teve com os técnicos que a apoiavam na instituição, bem como, com os médicos na maternidade.

O nascimento do filho de S que apesar de não ter sido uma gravidez planeada, apresenta-se como um ponto de partida para uma outra fase do ciclo da vida da mulher. Sendo esse um momento característico e privilegiado de intervenção a vários níveis, só em 2013, é que S tira algum benefício do curso anteriormente obtido, com um estágio na câmara municipal de Soure, embora sem êxito uma vez que não ficou colocada. Neste momento vence obstáculos, como é o caso do preconceito conseguindo frequentar um estágio na câmara municipal de Soure. Refere que ficou lá mais de um ano, contudo, mais uma vez não conseguiu ficar a trabalhar.

Apesar da sua deficiência, a entrevistada é uma pessoa determinada, nunca desiste e numa estratégia de resistência volta a enviar currículos e chega mesmo a inscrever-se no centro de emprego.

MM IV (2015): Contexto Laboral - Entrada para o mercado de trabalho e participação ativa e direta de indivíduos com PC

No presente momento e desde junho de 2015 está a realizar uma CEI numa Associação de desenvolvimento de Apoio a Idosos na parte administrativa de um escritório. Aqui usa e domina os conhecimentos anteriormente adquiridos no último curso que tirou em 2011, chegando mesmo a referir que “ (...) a diretora técnica diz: *É muito rápida, vai mais devagar.*” (p.17). Segundo a mesma tudo corre bem e é respeitada pelas pessoas.

Concluindo, é uma jovem que apesar de alguns obstáculos que vive e sente, diz ser e citando a mesma, “*Um pouco teimosa, mas consigo aquilo que quero, muito raramente é que não consigo.*” (p.17).

Ao longo da análise são vários os acontecimentos e momentos significativos que nos permitem captar e avaliar a trajetória de S, estando presentes alguns intervenientes que apresentam o seu contributo igualmente marcante e, com impacto na mesma trajetória.

Tendo em conta todas as estratégias e táticas presentes ao longo da trajetória de S, podemos afirmar que as que mais se destacam são as estratégias de resistência e de afirmação. Ao longo da trajetória, momentos marcados pela exclusão, falta de interação, falta de compreensão e pelo aparecimento crescente de obstáculos, levam a que a resistência por parte de S seja uma constante. Igualmente importante e também presente ao longo da análise é a estratégia de afirmação. Neste sentido S luta pelas condições a que tem direito, pela afirmação dos direitos das pessoas com deficiência e sua integração no mercado de trabalho.

A finalidade de S foi sempre a luta pela sua inclusão na sociedade, pela sua independência, valorização e realização pessoal. Neste sentido a lógica de ação mais predominante é a de Integração.

3.2 Interpretação Teorizante do caso de Z

Análise Descritiva do Relato do Caso de Z - Apresentação de Z

Residente na localidade de Soure, concelho de Coimbra, Z apresenta-se como sendo a relação de proximidade do caso de S: a mãe aproximadamente com 60 anos, é uma lutadora que sempre fez de tudo para que a filha, apesar da sua deficiência fosse o mais independente possível. Segundo Z, “*Tentei dar o meu melhor para que ela pudesse ser alguém e se pudesse desenrascar na vida sem mim.*” (p.18).

A partir do relato biográfico de Z, a sua trajetória pode ser analisada em 5 MM: **MM I. Avaliação da Paralisia Cerebral:** Adaptação e Aceitação, Nascimento da filha e primeiras decisões, Momento marcado pelo nascimento da filha, pela procura de apoios e tratamentos,

bem como, a melhor resposta institucional para a mesma **MM II. Ensino regular, Igualdade de Oportunidades e Inclusão**, Momento assinalado pela mudança da filha de Z de um sistema de ensino especial e adaptado, para um sistema normal de ensino. Integração da filha de Z e apoios fornecidos **MM III. Contexto Laboral**: Falta de oportunidades de Emprego, Momento que marca a angústia sentida pela mãe, pela falta de oportunidades e o aparecimento crescente de obstáculos, o que provoca uma situação familiar instável **MM IV. Superação de Obstáculos e Perspetivas de Futuro**, Momento marcado pelo reinício dos estudos por parte da filha de Z, e ingresso da mesma em estágios e mais tarde a sua colocação num CEI.

Análise da Trajetória Identitária: 4 Momentos Marcantes

MM I (1986-1990): Avaliação da Paralisia cerebral: Adaptação e Aceitação, nascimento da filha e primeiras decisões

Estamos perante um relato de uma mãe que recorda o momento em que a filha nasceu e todas as decisões importantes que tomou desde aí. Idas ao hospital e tratamentos, apoios médicos e terapêuticos, decisões acerca da melhor resposta institucional, bem como, decisões para facilitar o melhor acompanhamento à filha marcam este primeiro momento.

Etapa 1 do MM I: (1986-1989): Acompanhamento, Tratamentos e deslocações

Esta etapa é marcada pelo nascimento da filha de Z em 1986. Após o seu nascimento e devido à deficiência que a mesma tinha, desde cedo teve de usufruir de vários tratamento e apoios que Z sempre procurou e fez questão que a filha tivesse, como referia que *“desde que ela nasceu sempre foi uma luta constante”*. (p.18).

Relata que a filha começou por andar em consultas especiais no pediátrico; depois num centro de reabilitação; e só mais tarde usufruiu do centro de Paralisia onde ia pontualmente à terapia da fala, fisioterapia e terapia ocupacional e consultas de psicologia. Para todos estes tratamentos a deslocação de Z com a filha era feita com o marido uma vez que só este tinha carta de condução. Contudo a mesma refere que *“nem sempre o meu marido estava disponível e eu tinha de a transportar de um lado para o outro e havia outras coisas que era preciso andar com ela.”* Face a estas experiências Z decide aprender a conduzir contando que *“Pronto eu enchi-me de coragem e tirei a minha carta.”* (p.18).

Sendo a maioria dos tratamentos feitos em Coimbra, no centro de paralisia da instituição onde a filha viria a ingressar a tempo inteiro, Z torna-se um dos principais apoios na deslocação da filha.

Posto isto, a entrada de S para a instituição torna-se um fator determinante na decisão a tomar, segundo a sua estratégia de resistência e lógica de integração da filha num local que Z pensava ser o melhor para ela.

Etapa 2 do MM I: (1990): Melhor Resposta institucional para a filha – Prós e contras

Esta etapa consiste numa decisão muito importante na vida de Z. Opiniões de técnicos e outros indivíduos, nos dois sentidos, prós e contras foram tidos em conta para que a decisão fosse a melhor, tendo em conta as dificuldades da filha e a deficiência de que é portadora. Segundo Z, a equipa técnica da instituição achava que era o melhor porque “(...) *me tinham dito que a iam integrar num grupo de crianças não piores que ela, mas sim mais ao mesmo nível dela, para ver se havia progressos e não regredia.*” (p.19).

Contudo a médica de família e a educadora de infância do infantário onde se encontrava S diziam que esta mudança para a instituição não seria o melhor e de acordo com a opinião das mesmas, a filha de Z “*deveria estar enquadrada com crianças melhores que ela (...)*”. (p.19). Como também outras pessoas partilhavam desta opinião quanto à mudança de S e a sua integração num grupo de crianças com uma deficiência semelhante à sua. Z relata que “*Talvez as pessoas apenas achassem que ela ia para lá para estar com crianças piores que ela e que pronto, isso não era bom e não era favorável.*” (p.19). Mas a decisão de Z de ingressar a filha na instituição a tempo inteiro manteve-se e, ela ainda hoje considera que foi a melhor. Mais tarde, as pessoas que antes não lhe deram um parecer positivo, passaram a admitir que foi o melhor para a filha. Assim, em 1990 a filha dá entrada na instituição onde usufrui do serviço de transportes, o que facilita a sua deslocação. Ao ingressar no infantário, S faz lá todo o seu percurso até ao 4º ano do ensino básico lá, Segundo Z, “*Foi uma decisão como lhe estava a dizer difícil, mas que eu acho que foi muito bom, no entanto temos a resposta à frente.*” (p.20).

Após concluir o 4º ano do ensino básico a equipa técnica sugere a Z que a melhor solução seria a transferência da filha para o ensino normal. Numa lógica de integração e interação da filha com outras pessoas num outro ambiente, tal decisão é o fator determinante de passagem ao momento seguinte.

MM II (1996-2002): Ensino Regular, Igualdade de Oportunidades e Inclusão

Assim este Momento Marcante 2 é assinalado pela transferência da filha de Z para o ensino normal, bem como, por todas as decisões tomadas por parte de Z no que diz respeito a esta nova etapa na vida da filha. A mãe salienta o apoio dado por todos os professores. Refere

a ajuda que obteve por parte do transporte que efetuava as deslocações para o colégio e, a ótima integração com pequenas decisões da sua parte, no que diz respeito à adaptação do ensino às dificuldades da filha. Segundo Z *“já fez o 6º ano em dois anos, com o meu consentimento e claro, achei que era o melhor para ela.”* (p.20).

Contudo tal método não durou mais do que o estava programado pois, a filha de Z possuía capacidades para realizar mais. Assim sendo, *“ (...) no 7º ano já meteram as disciplinas e passou a fazer tudo (...).”* (p.21).

Todavia com alguns avanços e recuos relata igualmente, que teve a percepção de que haveria uma professora que demonstrava falta de compreensão para com a filha, uma vez que a deficiência de que é portadora lhe limita a fala o que a torna difícil de entender. Segundo a mesma *“Houve uma professora que lhe disse uma vez que não a entendia, mas pronto quanto a mim não se esforçou para a entender, porque nunca houve nenhuma ou nenhum professor que não lhe dissesse que não a entendia.”* (p.21).

Apesar deste episódio menos bom, o Momento é principalmente marcado pela superação de obstáculos por parte da filha e nessa sequência pelo orgulho que Z tem do percurso escolar de S que é feito com êxito.

Segue-se então o ingresso num curso profissional que leva ao regresso da filha de Z à instituição onde anteriormente tinha estado. O objetivo e a grande preocupação de Z, prende-se com o facto de a filha após a realização deste curso conseguir arranjar emprego para que e segundo a mesma, *“ela pudesse ser alguém e se pudesse desenrascar (...)”* Porém a falta de colocação e de oportunidades tornam-se fatores decisivos que conduzem a estratégias de resistência e que nos levam ao momento seguinte.

MM III (2002-2007): Contexto Laboral: Falta de Oportunidades de Emprego

Este Momento Marcante 3 é predominantemente marcado pela preocupação de Z em relação à falta de colocação da filha no mercado de trabalho. Sem perspetivas de futuro, Z relata a permanência da filha em casa, e a dificuldade que é gerir as emoções que vão surgindo nestes momentos, uma vez que *“a sua filha (...) é uma pessoa que não pode estar muito tempo em casa, senão ela fica alterada (...)”* (p.21).

Este torna-se o momento mais stressante de toda a história e, é marcado pelo choro no relato de Z. O mesmo dá-nos a entender que este momento angustiante, doloroso e de uma certa forma aflitivo, exige por parte de ambas uma excessiva força de vontade para o superar. Segundo Z, a sua filha, *“(...) é uma pessoa muito teimosa, com muita força de vontade. Além da minha ajuda é preciso que ela tenha força de vontade senão não se conseguia.”* (p.21). É

esta a forma que ambas encontram e que as motiva a resolver os problemas e situações que ao longo da vida lhes causam um tremendo incômodo.

Perante esta realidade o pensar positivo, o querer ultrapassar obstáculos e atingir metas e toda esta estratégia de resistência, leva Z a tomar a decisão de colocar novamente a filha a estudar, o que nos leva ao Momento 4.

MM IV (2007-2015): Superação de Obstáculos e Perspetivas de Futuro

Este Momento Marcante 4 tem início em 2007 com o regresso da filha de Z aos estudos. Segundo a mesma devido à falta de oportunidades laborais a pessoas com deficiência, o melhor seria o regresso da filha aos estudos. Relata que achou *“melhor ela ir estudar. Já que não havia trabalho o melhor era ir estudar, porque ainda era nova e, podia aproveitar ainda alguma coisa da vida.”* (p.21).

Refere também que tentou dar-lhe todos os apoios que conseguiu, para que ela conseguisse passar no exame de acesso ao ensino superior contudo, a filha não alcançou o pretendido. Em 2012 refere que a mesma voltou para a instituição, para realizar um curso de administração e, que no fim do mesmo consegue um estágio na câmara de Soure. Z conta que ficou desiludida *“porque enquanto estive a fazer o estágio curricular serviu, depois já não serviu mais.”* (p.22). Como mãe, a sua preocupação era crescente e como tal, tenta ir falar com os responsáveis dos recursos humanos da câmara, porém refere que não houve um pequeno esforço para que a filha ficasse.

Conclui com desilusão, que há uma falha da sociedade no que diz respeito às oportunidades na obtenção de emprego por parte de pessoas com deficiência. Z descreve assim a falta de estabilidade que sente quer na vida da filha, quer na sua surgindo, assim, sentimentos de revolta devido à permanência de obstáculos. Segundo Z *“dão-lhe esperança e depois cortam-lhe as pernas a que dizer que ela tinha que estar não sei quantos meses sem frequentar outro curso.”* (p.23). Ao longo dos anos há um desassossego e uma inquietação permanente por parte de Z e um “desdobramento” da sua parte para encontrar o melhor para a filha.

No presente momento relata que a filha está a realizar um CEI desde 2015. Contudo a o seu cuidado e preocupação são crescentes.

Ao longo da análise são vários os momentos de conflitualidade, de resistência e oscilações que nos permitem avaliar a trajetória de Z.

Interiormente são inúmeras as dificuldades sentidas, contudo tendo em conta todas as estratégias e táticas presentes ao longo da trajetória de z, podemos afirmar que as que mais se destacam são as estratégias de resistência e afirmação. Apesar de alguns altos e baixos nas

decisões de Z devido à opinião contrária de outros indivíduos, todas estas oscilações levaram a que a sua resistência na luta por um futuro melhor para S fosse um fator marcante ao longo da sua trajetória. Apoios, tratamentos, deslocamentos foram tidos em conta na procura da melhor solução para as necessidades de S.

Igualmente importante é a estratégia de afirmação presente ao longo da análise. Neste sentido Z luta pelos direitos de S no que respeita à sua integração e aceitação na sociedade.

A finalidade de Z sempre foi facultar a S tudo a que tinha direito de modo a que no seu futuro conseguisse a sua independência e realização pessoal. Neste sentido a lógica de ação mais predominante é a de Integração.

3.3 Interpretação Teorizante do Caso de F

Análise Descritiva do Relato do Caso de F - Apresentação de F

F nasceu em Angola em 1965, tem 51 anos e reside em Águeda. Com portadora de Paralisia Cerebral tem como relação de proximidade e principal apoio a sua mãe e irmãs. Demonstra ser uma mulher lutadora com grande força e capacidade para ultrapassar: *“faço a minha vida completamente sozinha, faço a minha vida normal com cadeira de rodas elétrica e, vou a qualquer lado.”* (p.24). Livre nas suas escolhas acaba por ser, porém, vítima de algumas delas.

A partir do relato biográfico de F. a sua trajetória pode ser analisada em 4 Momentos Marcantes: **MM I. Angola: contexto escolar** – sistema normal de ensino, Momento marcado pelo ingresso de F num sistema normal de ensino ainda em Angola e todas as dificuldades de integração relativas este tipo de ensino. **MM II. Portugal: contexto escolar** – ensino especial e adaptado, Momento assinalado pela vinda de F para Portugal e seu ingresso numa instituição, com ensino especial e adaptado. **MM III. Contentamento** – Perspetiva de Satisfação do Indivíduo, Momento que assinala todos os projetos onde F está inserida. É ainda marcado pela liberdade que tem em se exprimir através da arte e como isso a acompanha no seu quotidiano, **MM IV. Exclusão e Preconceito** – Olhar “fechado” da Sociedade, Momento marcado pelas visões estereotipadas e preconceituosas acerca da sua deficiência.

Trajetória Identitária com 4 Momentos Marcantes

MM I (1968-1974): Angola: contexto escolar – sistema normal de ensino

Este primeiro momento, é marcado pelas dificuldades de adaptação e integração que F sentiu enquanto frequentou a creche e a escola do sistema normal de ensino.

Relata principalmente que a sua calma e serenidade, não se enquadravam naquele tão característico ambiente agitado, onde crianças/alunos/as e professores desempenham da melhor forma o seu papel.

É um momento predominantemente marcado pela falta de sucesso, no que diz respeito à sua integração, uma vez que o ambiente não se apresenta o mais favorável e propício às suas dificuldades. F conta que desde pequena que foi para a creche e que *“é normal, as pessoas gritam e falam e eu não podia andar muito nem nada e aquilo fazia-me confusão.”* (p.51). Relata também e citando a mesma, *“ Eu já de mim sou uma pessoa calma e serena e, aquelas coisas de um berro e de outro berro e outro...aquilo mexia comigo”* (p.24).

Todavia tamanha agitação permanece aquando da sua entrada e permanência na escola. Refere a boa adaptação e relação com os professores, contudo, o ambiente causa uma certa recusa quanto à sua permanência na escola. Esta tática e estratégia de recusa, a falta de integração neste ambiente e a vinda para Portugal em 1974, tornam-se fatores determinantes para o momento seguinte.

MM II: (1974-1976): Portugal: contexto escolar – ensino especial e adaptado

É um Momento marcado pela sua vinda para Portugal e, o seu ingresso na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra em 1976 onde permanece até aos dias de hoje. É nesta instituição que encontra todo o material adaptado às suas necessidades, bem como, um ambiente mais calmo. Esta entrada num sistema de ensino especial, faz com que entre em contato com algo que antes só existia dentro do seu núcleo familiar.

Sendo esta uma instituição especializada e que procura dar resposta a indivíduos portadores de deficiência, F conta que *“ (...) nunca tinha lidado assim com muitos deficientes não é... Sempre foi com a minha família, foi tudo normal e para mim foi um choque. Vi coisas que nunca tinha visto mas depois com o tempo fui-me adaptando.”* (p.25).

Ao longo dos anos a sua adaptação foi feita com o apoio e auxílio dos técnicos, bem como dos seus colegas, o que se torna uma mais-valia para o seu crescimento na instituição. Este mesmo crescimento vai passar pelo ingresso em vários projetos que permite a F usar e dominar os seus conhecimentos, bem como, expressar-se em todos eles. É numa lógica de afirmação das suas capacidades e numa perspetiva de satisfação do indivíduo que F vê cumpridos alguns sonhos que tinha desde criança.

MM III: Contentamento – Perspetiva de Satisfação do Indivíduo

Sendo este Momento Marcante 3 de satisfação, F relata a sua presença em vários projetos que a instituição lhe dá oportunidade de usufruir. Desde o projeto da música ao da

informática, ambos estão relacionados com o que mais gosta de fazer, dando-lhe a oportunidade de se exprimir e de se libertar através desta arte.

Neste mesmo Momento Marcante, F relata como esta liberdade se aplica em tudo o que faz e como está presente nas coisas mais simples do seu quotidiano.

Conta de como o projeto relacionado com a música vem cumprir um sonho de infância. Este projeto permite a F usufruir de um gosto pela música que nasceu ainda esta era nova e, de experienciar tudo o que a ele está inerente.

Manobrar instrumentos, decorar músicas e notas fazem parte deste mundo que tanto realiza F e, que esta descreve como sendo *“a maior loucura.”*. Conta que *“desde pequenina que gostava de música (...) era aquela loucura (...), nunca pensei que algum dia chegasse onde estou.”* (p.25). Refere algumas dificuldades na aprendizagem das músicas, uma vez que, todas têm notas diferentes, contudo possuiu instrumentos adaptados e tal como a mesma diz *“opá adaptei-me, espetacular.”*.

Para além deste projeto, participa em mais alguns relacionados com a informática e, que lhe permite alargar os seus horizontes e expressar o que sente e a maneira como pensa. F nunca gostou de estar parada e por isso refere que *“Apesar de ser assim não gosto de estar à espera que as coisas venham ter comigo. Gosto de me mexer e poder ir à procura daquilo que eu penso.”* (p.26).

No seguimento desta liberdade de expressão que todos os projetos permitem F, relata algum do seu quotidiano e, como essa liberdade está presente em tudo o que faz. Apesar das suas dificuldades no que respeita à sua deslocação, está com os seus amigos e familiares sempre que quer e para fazer o que mais gosta.

É nesta perspetiva de liberdade que F conta que *“na minha vida pessoal gosto de vestir aquilo que gosto, andar como gosto. Se for para vestir uma coisa que não me faz sentir bem eu não visto, porque a minha maneira de ser é eu sentir-me bem com uma coisa que eu gosto.”* (p.26). Nesta perspetiva de satisfação, refere que na sua educação nunca lhe foram impostos obstáculos e, que os pais sempre tentaram fazer dela a pessoa mais livre e desembaraçada, para que, apesar das limitações que a sua deficiência lhe impõe conseguisse com êxito realizar tudo o que mais desejava.

Contudo, toda esta liberdade e facilidade que tem em procurar o que mais deseja, por vezes, entra em conflito com a sociedade e indivíduos que ainda possuem visões estereotipadas e pouco corretas acerca de pessoas portadoras de deficiência.

Estas mesmas visões levam a alguns episódios menos bons na vida de F e, que a mesma relata com tristeza e alguma revolta. A desigualdade, exclusão e preconceito continuam ainda muito presentes na vida de F. Tal fator, cria na mesma uma estratégia de resistência na luta constante pelos seus direitos, e que nos leva ao momento seguinte.

MM IV (2015-2016): Exclusão e Preconceito – Olhar fechado da sociedade

Este quarto e último momento corresponde aos dias de hoje, onde F relata momentos do seu cotidiano que revelam nitidamente o preconceito em relação a indivíduos com deficiência por parte da sociedade.

Segundo F são diversas as mistificações, julgamentos e falsos atributos de que é alvo. Olhares, comentários, expressões depreciativas são as mais ouvidas por F. Conta assim que as pessoas *“Falam muito, olham olham (...) às vezes dizem “coitadinha”, (...) não te passa pela cabeça o que passo.”* (p.27).

Todos estes estereótipos causam em F uma grande perturbação, e que leva ao crescente sentimento de revolta, uma vez que, e, citando a mesma *“gostava que as pessoas no tempo em que estamos olhassem (...) de outra maneira.”* (p.27).

Idas ao cabeleireiro ou até mesmo às compras do dia-a-dia, tornam-se verdadeiros pesadelos. As pessoas questionam-se se F sairá sem pagar, se tem autorização da mãe para fazer o que deseja, sem sequer pensarem que a mesma tem o direito à vida, às mesmas condições e direitos que qualquer outro indivíduo.

Apesar de todos os obstáculos, F conta que *“Eu sou uma pessoa que se agora me apetece ir (...) pego na cadeira e vou (...). Eu não consigo andar muito, mas com a cadeira é sempre a andar!”* (p.28). Conclui assim com um enorme sorriso que é uma pessoa que possuiu uma vontade enorme de viver. Neste sentido, as relações com os seus familiares, amigos e técnicos tornam-se indispensáveis no que respeita ao auxílio, nas fases menos favoráveis da sua vida e em todas as suas dificuldades.

Esta trajetória e sua respetiva análise têm presente diversas oscilações. São vários os momentos de satisfação, contudo é igualmente importante destacar os momentos de revolta devido ao preconceito em relação a indivíduos com deficiência de que F é alvo. Esperava-se que numa sociedade moderna, momentos desprezíveis e reprováveis, acompanhados de pensamentos e expressões depreciativas, julgamentos e falsos atributos fossem cada vez mais extintos, todavia F é alvo deles crescendo assim uma revolta na mesma.

Nesta mesma análise temos presentes intervenientes que mostram ter um papel preponderante e decisivo e que se tornam um contributo ao longo desta trajetória. Tendo em conta as

estratégias e táticas ao longo da mesma, as que mais se destacam são as estratégias de resistência e de afirmação.

Face aos acontecimentos reprováveis acima referidos, e a momentos de exclusão, discriminação, preconceito e intolerância, levam a que a resistência por parte de F seja uma constante ao longo da sua trajetória.

É de destacar também ao longo da análise a estratégia de afirmação. Neste sentido, F luta pelos seus direitos, principalmente o direito à vida, de modo a afirmar as suas capacidades e competências.

A finalidade de F foi sempre a luta pela sua inclusão na sociedade, pela sua independência, valorização e realização pessoal. Neste sentido a lógica de ação mais predominante é a de Integração.

3.4 Interpretação Teorizante do Caso de P

Análise Descritiva do Relato do Caso de P - Apresentação de P

P apresenta-se como sendo a relação de proximidade de F. é uma mãe com aproximadamente setenta anos, tem três filhas e vive no concelho de Águeda. É uma mulher lutadora e que tudo faz para que F tenha todos os apoios possíveis e nunca se sentisse diferente dos outros apesar da sua deficiência.

A partir do relato biográfico de P. a sua trajetória pode ser analisada em 2 Momentos Marcantes.

A partir do relato biográfico de F. a sua trajetória pode ser analisada em 2 Momentos Marcantes: **MM I. Mãe:** Sentimentos e Cuidados; Momento marcado pela inquietação de uma mãe preocupada e que com todo o orgulho que sente por F, recusa discursos estereotipados acerca da deficiência da filha. **MM II. Co-Produção** – Mobilização de recursos e Perspetiva de satisfação do Indivíduo; Momento marcado pelo auxílio e ajuda de técnicos de diversas áreas aquando o aparecimento de problemas.

Trajectoria Identitária com 2 Momentos Marcantes

MM I (Antes): Mãe: Sentimentos e Cuidados

Estamos perante um relato de uma mãe que conta como a filha é por vezes vítima de discriminação e preconceito e, de como isso suscita em P um sentimento de revolta perante estas situações.

Realça também que apesar de todas as dificuldades e obstáculos sentidos por F, que a mesma é uma pessoa determinada. Contudo com a ajuda de P, ambas conseguem assim ultrapassar

qualquer diligência. O orgulho que lhe demonstra, apoio, auxílio faz de P o grande suporte de F, tornando-se importante nas vivências e cotidiano da mesma.

Etapas 1 do MM I: Sentimento de Recusa - Paralisia Cerebral: mistificações e falsos atributos

Esta etapa é marcada pela presença de expressões relativas a falsos atributos que indivíduos têm para com a filha de P, portadora de Paralisia Cerebral. Relata com revolta, angústia e num tom mais stressante tudo pelo que a filha passa.

Segundo a mesma, as pessoas dirigem-se à filha dizendo *“olha apesar de ser assim como ela se veste?! Tem gosto. (...) Eu não sei como ela consegue ser assim.”* (p.29). P encara tal discurso de forma negativa, inconveniente por parte dos outros ou até mesmo com alguma maldade. Todavia este mesmo discurso pode ser visto com um olhar mais positivo, como se os indivíduos o tivessem como forma de elogiar as capacidades de F, e o gosto que a mesma tem em tudo o que faz apesar das limitações que a sua deficiência lhe impõe.

Etapas 2 do MM I: Família: Sentimento de Orgulho e contentamento

Nesta segunda etapa temos por parte de P uma exaltação das qualidades e personalidade da filha. Segundo P, F *“é uma pessoa que se vê qualquer pessoa doente ou com problemas e, vai lá dá apoio, diz-lhe palavras bonitas que muita gente não consegue dizer...mas aquilo é mesmo dela.”* (p.30).

Relata também a entreatura que F tem com as irmãs e sobrinhas e, como amigos e professores dão a P uma visão positiva acerca de F, contando *“acho que toda a gente gosta dela, porque toda a gente só me dá boas referências dela.”* (p.30).

Neste seguimento e, no mesmo sentido de exaltação das qualidades e personalidade de F., P. relata que mesmo no quotidiano ela tenta ser o mais correta possível com os outros indivíduos, embora, por vezes, estes tenham atitudes menos corretas para com F.

Realça que tudo faz parte da educação que lhe deu ao longo do seu crescimento, e que vai de encontro ao início da sua história quando conta que *“Tenho três filhas e sempre habituei F a ser como as outras (...).”* (p.29). Tal feito faz com que P conseguisse ao longo do tempo fazer de F uma pessoa capaz de realizar o que quer, dentro das suas limitações, e tentar realizar a sua vida como qualquer outro indivíduo apesar de alguns obstáculos. Estes por vezes são permanentes no seu dia-a-dia, e como mãe P fica revoltada com algumas injustiças. Contudo a mesma opta por uma estratégia de resistência e, luta pelo que é melhor para F pedindo apoio quando necessário.

MM II (Agora): Co-produção – Mobilização de Recursos e Perspetiva de Satisfação do Indivíduo

Este segundo Momento é marcado por o modo como P se mobiliza, solicitando auxílio a técnicos de diversas áreas (Serviço Social, Direito) após episódios preconceituosos que certos indivíduos têm para com F.

Segundo P, certos comportamentos e discursos que indivíduos têm quando se dirigem a F, tornam-se intoleráveis e a mesma toma medidas rigorosas para os resolver.

Sempre com a finalidade de assegurar o bem-estar da de F, P mobiliza vários recursos e conta que *“A instituição tem-nos ajudado muito, apoio-a muito (...) devo muito à instituição.”* (p.30).

Ao longo da análise de P, concluímos que a sua trajetória é marcada por dois Momentos Marcantes que descrevem a vida desta entrevistada.

Pela exclusão de que F por vezes é vítima, pela falta de compreensão que outros indivíduos têm para com ela e, pelo aparecimento crescente de obstáculos, temos sempre presente em P uma estratégia de recusa face a isto.

Pela educação e valores transmitidos, P recusa-se a aceitar uma visão deturpada, mistificada e estereotipada acerca da deficiência da filha. Numa tática de afirmação e exaltação das capacidades de F., P com a entreaajuda que existe entre ambas supera muitos destes obstáculos.

Igualmente importante e, também, de destacar é a estratégia de resistência presente no segundo Momento. Numa luta constante pelas condições a que F tem direito, P consegue, tendo em conta uma perspetiva de satisfação do indivíduo solicitar auxílio para a criação de respostas mais eficazes que vão de encontro às necessidades de F.

4. CONCLUSÕES

Pela interpretação analítica, foram identificados ao longo das 4 trajetórias, vários componentes dos prsi; quanto às *Estratégias e Reações* das entrevistadas, as mais salientes são as estratégias de resistência, bem como, as de recusa; no que diz respeito às *Lógicas de Ação* a mais presente foi a de integração; e quanto aos diversos *Territórios Sócio identitários*: o Familiar, Escolar e Laboral foram os predominantemente mais afetados ao longo das trajetórias destas 4 entrevistadas.

Com efeito concluindo sobre os Territórios Sócio identitários, o *TSI Familiar* apresenta-se nestes casos como um território marcado pelo suporte que as relações de proximidade Z e P têm para com S e F. Estas relações fazem-nos perceber como a interajuda, a compreensão,

a aceitação e a lutas de Z e P fazem a diferença na exaltação das capacidades e autonomia de S e F.

Quanto ao *TSI Escolar*, o mesmo apresenta-se de maneira diferente, quer no caso de S quer no caso de F. No caso de S este TSI foi-se alterando ao longo da sua trajetória, tendo inicialmente sido marcado por alguma exclusão, falta de interação por parte dos colegas, falta de compreensão e que leva a uma *estratégia de resistência* crescente por parte da narradora. A ideia que tinham acerca da sua deficiência era errada.

Tendo a sua relação de proximidade, Z, lutado constantemente pelas suas condições e direitos, a perspectiva de inclusão foi a que esteve presente – no âmbito escolar – nos anos que se seguiram. A integração, compreensão e partilha de emoções que teve com os seus professores, e especial com o professor de ensino especial, permitiram que S participasse mais ativamente e de forma mais positiva para alcançar os seus objetivos. Neste mesmo sentido aproximam-se as pessoas, as relações fortificam-se em busca de melhor, de serviços com uma resposta mais eficaz e apropriada às características e necessidades de cada um. Já em F, o seu *TSI escolar* foi inicialmente afetado pelo ambiente agitado e característico deste território e, que nada se identificava com a narradora. Numa *estratégia de recusa* quanto ao ambiente em que estava inserida e, após o seu *território familiar* ter sofrido uma alteração F, muda para um ambiente apropriado às suas necessidades e dificuldades, com todos os apoios existentes e que lhe permitiu crescer, ganhar autonomia e afirmar as suas capacidades. No que respeita ao *TSI escolar* ambas as narradoras têm inicialmente uma avaliação negativa do mesmo, que é confirmada no discurso das suas relações de proximidade pelo auxílio que prestaram como mães.

Contudo é de frisar que o mesmo *TSI escolar* sofre alterações e passa a ter uma avaliação positiva por ambas, S e F, uma vez que e, respondendo à questão de partida, as relações de proximidade que travaram com os técnicos de diversas áreas lhes proporcionou uma melhor integração.

Confirmou-se assim que a partilha, a confiança, a participação e a colaboração que envolve o conceito de co-produção, e que está presente nos discursos das narradoras se apresentam como uma mais-valia para estes indivíduos, uma vez que passam a usufruir de respostas mais direcionadas às suas dificuldades e com mais qualidade. Concluiu-se então, que o bem-estar de indivíduos com PC, um acompanhamento melhorado, e soluções mais inclusivas, estão igualmente interligadas ao conceito de qualidade, devendo, por isso, serem considerados aspetos de extrema prioridade no modo de gestão das organizações.

Quanto ao *TSI Laboral*, este apenas está presente no caso de S e é igualmente focado no discurso da relação de proximidade – caso de Z. Não é focado do discurso de F e P uma vez que ambas referem que pela deficiência que F possui, não lhe é possível aceder a qualquer tipo de emprego. Posto isto, no caso de S e Z a difícil entrada no mercado de trabalho torna-se um tema pertinente. Z ressalta a falta de oportunidades de emprego a pessoas com deficiência, e a revolta que a filha, S, sente ao longo dos anos. Segundas as mesmas não existe por parte da sociedade qualquer valorização das capacidades de um indivíduo com deficiência, o que consideramos que ilustra e/ou se explica pelo que Murillio bem sintetiza: “*o mundo contemporâneo exige do corpo beleza, força e uma conduta moral compatível com os valores sociais vigentes.*” (Murillio, 2010). Só assim se é aceite socialmente entendido como tendo um padrão normal, que é base de todas as representações sociais. Ao longo das 4 Trajetórias Identitárias é clara a necessidade que quer estas mulheres com PC, quer suas relações de proximidade têm em afirmar a identidade de um indivíduo com PC, de modo a que não seja uma identidade deficiente, rotulada e repleta de preconceitos. Confirmou-se assim que os percursos biográficos de cada uma das narradoras se tornaram relevantes para percebermos o que Fontes (2009) e Foucault (1979) afirmaram nos seus discursos. Ao longo da exposição das narradoras, concluiu-se que há que compreender os contextos de vida de cada indivíduo com deficiência. Temos de perceber que os mesmos são igualmente capazes e competentes para se expressarem, realizar atividades do seu quotidiano, e tomarem a liberdade de fazer escolhas por eles próprios colocando-os numa condição de normalidade igual à de um indivíduo sem qualquer ou nenhum outro tipo de deficiência.

Como já foi referido anteriormente, o discurso de cada narradora é de extrema importância pois permite-nos confirmar, ou não, a pesquisa realizada através da Grelha analítica que teve como objetivo refletir sobre alguns problemas epistemológicos suscitados ao longo do estudo. Assim sendo concluiu-se que e, quanto aos 2 Grandes Níveis Analíticos desta pesquisa que: Nível Analítico “Paralisia Cerebral – Problema Social” – a opinião das narradoras é semelhante. São inúmeros os julgamentos de falsos atributos que foram e, no caso de F ainda hoje, são alvo. Estes mesmos estereótipos dão origem a momentos do quotidiano das entrevistadas que se tornam desagradáveis para as mesmas. Através de expressões que relatam, denota-se como indivíduos com deficiência são por vezes associados a seres irracionais movidos por instintos, incapazes de pensar, raciocinar ou até mesmo argumentar. As suas relações de proximidade exaltam as capacidades das filhas e alguns dos seus feitos, e S e F referem ao longo do discurso que é necessário desconstruir estas ideias e que a lesão

cerebral que têm, em nada as impede de conseguir realizar as mesmas tarefas que as pessoas ditas normais realizam.

Posto isto, referem que as respostas institucionais que procuram, as relações que têm sejam elas de familiares, amizade ou com técnicos apresentam-se como um forte contributo, para que a sua integração seja a melhor. Esta dimensão social leva-nos ao segundo Nível Analítico que diz respeito à Intervenção. Este segundo Nível leva-nos a dimensões como a co-produção e respondendo à questão de partida, é aqui que e, como já foi referido anteriormente, o relato dos casos de Z e P relativo às relações de proximidade são importantes. Ambas referem a ajuda que tiveram inicialmente na integração de S e F nos seus percursos escolares, na procura dos melhores tratamentos e respostas institucionais, de acordo com as dificuldades das filhas e, de como a participação ativa e direta das mesmas resultou quase sempre no melhor para S e F.

S e F, por sua vez, referem que a sua participação em projetos, a troca de ideias com os técnicos, o auxílio que os mesmos prestam sempre com o objetivo de mobilizar recursos para que estas melhor alcançassem os objetivos, levou a uma perspetiva de Satisfação do indivíduo e uma melhor qualidade de vida o que nos levou à dimensão de Qualidade também presente no segundo nível de análise da grelha analítica. Este conceito de qualidade, ilustrado por Diane Bone (2000) quando nos diz que o mesmo tem como objetivo principal “o “forçar” a empresa a melhorar, a inovar, a dinamizar-se, a prestigiar-se e a controlar a sua performance.”, confirma-se no caso das narradoras, uma vez que, e alcançados estes objetivos, sejam eles em instituições, escolas ou outros projetos onde estivessem inseridas, segundo a análise do relato das mesmas, ambas beneficiaram de uma maior eficácia de todos eles levando, assim, ao seu bem-estar.

Deste modo concluo, que é preciso valorizar estes indivíduos com Paralisia Cerebral, pelas suas capacidades, pelo modo como ultrapassam os obstáculos, pela força interior que muitos possuem e pelo desafio que colocam a técnicos e muitos profissionais a serem melhores, a inovar, a elaborar e a pensar em respostas de acordo com o que pensam.

Há que superar aspetos como a discriminação e refletir sobre os indivíduos com PC, como indivíduos que possuem os mesmos direitos e são tão ou mais capazes que qualquer outro indivíduo que não possua deficiência. Com isto, pressupõe-se uma melhor vivência de pessoa com PC, uma vez que passa a haver consciência por parte da sociedade, podendo resultar numa melhor e maior inclusão na mesma.

Referências Bibliográficas

- Amâncio, L. (2004). Identidade social e relações intergrupais. Em J. Vala e M. B. Monteiro (Eds). *Psicologia Social* (pp.387-409). 6ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Almeida, V. (2005). A Lógica Socio-económica do Terceiro Sector. *Interações*, 8, 55-82
- Bahle, T. (2003). The Changing institutionalization of social services? *Journal of European Social Policy*. 13, 5-20.
- Bax, M., Goldstein, M., Rosenbaum, P., Leviton, A. e Paneth, N. (2005). Proposed Definition and Classification of Cerebral Palsy. *Developmental Medicine and Child Neurology*. 47, 551-576.
- Cahn S. E. e Gray, C. (2004). Co-production from a Normative Perspective. Em V. Pestoff, B. Taco, V. Bram (Eds). *New Public Governance, the third sector and the co-production* (pp. 137-144). New York: Routledge.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (M. Barrocas, Trad.) São Paulo: Editora Forense Universitária. (Trabalho original em francês publicado em 1966)
- Coelho, M. e Filho, N. (1999). Normal-Patológico, Saúde-Doença: Revisitando Canguilhem. *Saúde Colectiva*, 9, 13-36
- Desporto para deficientes Manual para acompanhantes desportivos*. (2006) Projectos Piloto
- Dubar, C. (2006). *A crise das identidades, A interpretação de uma mutação* (C. Matos, Trad). Porto: Ed. Afrontamento. (Trabalho original em francês)
- Fontes, F. (2009). Pessoas com deficiência e políticas sociais em Portugal: Da caridade à cidadania social. *Crítica de Ciências Sociais*, 86, 73-93
- Gameiro, A. (2015, julho). Suicidários sobreviventes: O processo de “deixar de ser”. Estudo compreensivo dos modos e sentidos da requalificação sócio-identitária no feminino. Em M. F. C. Toscano (Coord.), *Qualidade na formação e investigação em serviço social: Formar para a análise da construção de trajetórias identitárias de mudança social análise da construção de trajetórias identitárias de mudança social*. Simpósio conduzido no XII Foro Internacional sobre la Evaluación de la Calidad de la Investigación y de la Educación Superior (FECIES), Sevilla, Spain. Abstract disponível em <http://www.ugr.es/~aepc/XIIFECIESWEB/LIBRO2015.pdf>
- Quivy, R. e Campenhoudt, V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1ª ed.). Lisboa: Gradiva
- Pinto, J. (1991). Considerações sobre a Produção Social de Identidade. *Crítica de Ciências*

Sociais, 219, 217-223

Salm, J. F., Menegasso, M. E., Ribeiro, R. M. Co-produção do bem público e o desenvolvimento da cidadania: o caso da proerd em Santa Catarina. *Alcance*, 14, 231-246

Santos, B. S. (1987), *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Santos, N. (2013). *O Mundo Representado na Paralisia Cerebral*. [Dissertação de Mestrado]. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Teixeira, D. (2015, julho). Análise de trajectórias identitárias de mudança da condição da mulher: Narrativas exemplares de mulheres “domésticas”. Em M. F. C. Toscano (Coord.), *Qualidade na formação e investigação em serviço social: Formar para a análise da construção de trajectórias identitárias de mudança social análise da construção de trajectórias identitárias de mudança social*. Simpósio conduzido no XII Foro Internacional sobre la Evaluación de la Calidad de la Investigación y de la Educación Superior (FECIES), Sevilha, Spain. Abstract disponível em <http://www.ugr.es/~aepc/XIIFECIESWEB/LIBRO2015.pdf>

Toscano, M. F. (2010). *Sociologia das Identidades, Ofício de Revelação*. [Tese de Doutouramento]. ISCTE – IUL, Lisboa. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2833>

Toscano, M. F. (2012a, junho). *Pobreza e requalificação sócio-identitária: Uma leitura sociológica crítica da tradição de estudos sobre “a pobreza”*. Comunicação apresentada no VII Congresso Português de Sociologia — Sociedade, crise e reconfigurações, Porto, Portugal. Abstract disponível em https://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0071_ed.pdf

Toscano, M. F. (2014). How women, designated as poor, reconstruct identities and ways of life? — The PRSI or the processes of re-qualifying social-identity. *Journal of Education Culture and Society*, 2, 75-81. doi:10.15503/jecs20142.75.81

Toscano, M. F. (2015a). Como se sai da pobreza? — Os processos de requalificação sócio-identitária (PRSI) de portuguesas no país Basco, pela análise sociológica da oralidade. Em F. Diogo, A. Castro e P. Perista (Orgs.), *Pobreza e exclusão social em Portugal: Contextos, transformações e estudos* (pp. 197-212). Vila Nova de Famalicão: Húmus.

Toscano, M. F. (2015b). O que designamos por PRSI — Um modelo analítico-compreensivo de análise dos modos de vida/construção da mudança nas trajectórias identitárias. Em M. F. C. Toscano (Coord.), *Qualidade na formação e investigação em*

serviço social: Formar para a análise da construção de trajetórias identitárias de mudança social análise da construção de trajetórias identitárias de mudança social.

Simpósio conduzido no XII Foro Internacional sobre la Evaluación de la Calidad de la Investigación y de la Educación Superior (FECIES), Sevilha, Spain. Abstract disponível em <http://www.ugr.es/~aepc/XIIFECIESWEB/LIBRO2015.pdf>

Toscano, M. F. (2017, no prelo). How does one “leave” poverty? — Socio-identitarian requalification processes (PRSI) for Portuguese women in the Basque country, according to he sociological analysis of oral discourse. Em 2nd International Symposium Qualitative Research, Salamanca, Spain, 12 pp

